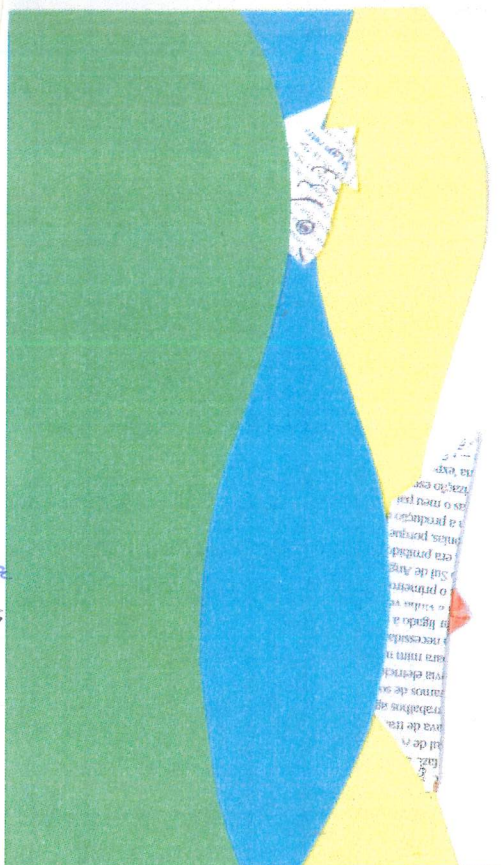


Escola Básica de Milheirós de Poiares

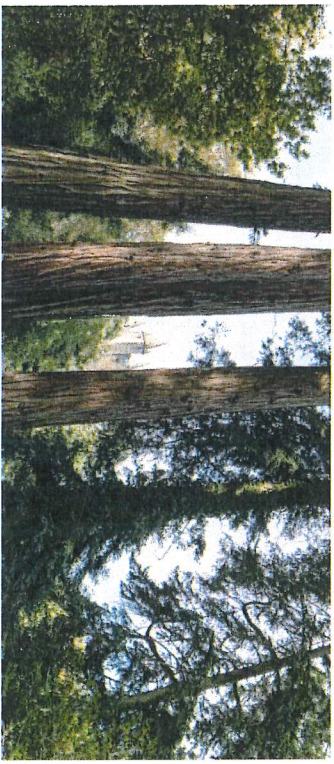
ESCOLA



Carla
 Carlos
 Cynthia
 Duarte
 Filipa
 Filipe
 Francisco
 Gaspar
 Gustavo
 Helder
 Inês
 Luana
 Luana
 Luana
 Mariana
 Prof. Garte
 Raquel
 Hugo
 Nuno
 Rúben

Guardiãs do Castelo

No coração da cidade Santa Maria da Feira há um surpreendente património natural que podemos admirar e desfrutar. Porque aqui nem todos os monumentos são pétreos. Muitos apresentam um carácter mais dinâmico e assumem-se como verdadeiras torres, semelhantes às do vizinho castelo.

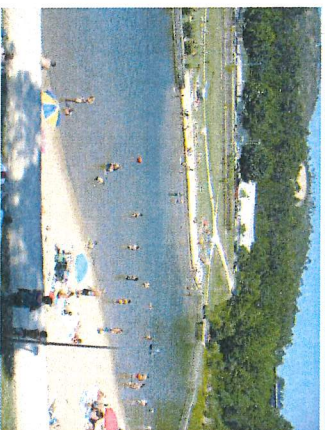
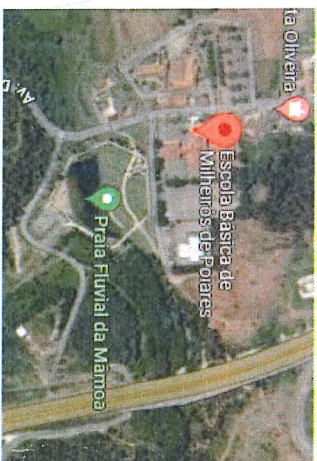


Nas encostas que rodeiam o ex-libris feirense, na Mata das Guimbras e na Quinta do Castelo, árvores emblemáticas – faias, sequoias, tuílas, sobreiros, criptométrias, carvalhos, magnólias, cedros, castanheiros e tantas outras – transformam estes espaços num oásis urbano de inegável beleza, que importa “guardar”.

Vamos apresentar alguns exemplares deste valioso património natural, a quem podemos chamar de “Guardiãs do Castelo”, encantadores monumentos naturais, dignos de contemplação.



A Escola Básica de Milheiros de Poiares, localiza-se junto à Praia Fluvial da Mamoá, na freguesia de Milheiros de Poiares, no concelho de Santa Maria da Feira



Somos os alunos do 8ºD e em conjunto com a professora Goretti Rocha, coordenadora do Eco-Escola, nesta atividade muitos pontos de biodiversidade podemos dar a conhecer. Mas optamos por escolher levantar um pouco o véu sobre um recanto maravilhoso, onde dizem que habitam fadas e duendes, vamos apresentar um pouco da biodiversidade presente junto ao Castelo de Santa Maria da Feira, um espaço onde decorre entre outras festividades o PERLIM e a Feira Medieval.

Queremos que fiquem a conhecer algumas das espécies, que se podem encontrar e observar ao longo de um percurso de cerca de 3 km, onde temos a oportunidade de contemplar, observar e aprofundar o conhecimento sobre cada uma das verdadeiras “guardiãs do castelo”, através de informação disponível nas placas existentes junto a alguns dos exemplares arbóreos e arbustivos.

Um olhar mais atento conduzirá a uma enriquecedora viagem pela origem e curiosidades das “guardiãs”, sem esquecer a sua relação com outras espécies, bastando aceder a uma informação mais completa através do código QR, disponível em cada uma das placas informativas.

Bordo

Nome científico
Acer pseudoplatanus L.

Nome comum
Bordo, Falso-plátano, Padreiro,
Plátano-bastardo

Família
Sapindaceae

Tipo de origem
Autóctone

Origem
Nordeste da Europa até ao centro e
sul da Itália e oeste da Ásia

Descrição da espécie

O *Acer pseudoplatanus* é uma árvore caducifolia de médio porte, de copa ampla, que pode atingir 35 m de altura. Apresenta um tronco revestido por casca cinzenta e lisa nas árvores jovens, adquirindo com a idade uma cor rosa-acinzentada, fissurando-se em placas retangulares irregulares, expondo manchas alaranjadas ao soltarem-se. As folhas, de 10 a 15 cm de comprimento, são simples, palmadas, com 5 profundos lóbulos ovados, de margem desigualmente dentada, dispostas de forma oposta nos ramos, de cor verde-escura na página superior, ligeiramente mais pálidas na página inferior e com pelos nos veios principais, tornando-se castanho-acobreadas no outono. Apresentam um longo pecíolo de cor avermelhada, que pode também ser verde em árvores mais antigas. A floração ocorre entre abril e maio, em simultâneo com as novas folhas, sendo a inflorescência um tirso ou um racimo pendente, composto por um grande número de pequenas flores de cor amarelo-esverdeada. O fruto é uma sâmara, inicialmente de cor verde manchada de vermelho e castanhas quando madura, que ocorre em pares (díscâmara), de 5 a 6 cm de comprimento, formando as suas asas um ângulo aproximadamente reto.

Observações

O restritivo específico *pseudoplatanus*, refere-se à semelhança entre as suas folhas e as do plátano. Na primavera, através de uma incisão quer no tronco quer nos ramos, obtém-se uma seiva açucarada que pode ser aproveitada para consumo humano.



Carvalho-alvarinho

Nome científico

Quercus robur L.

Nome comum

Carvalho-alvarinho, Carvalho-roble, Carvalho-comum, Carvalheira

Família

Fagaceae

Tipo de origem

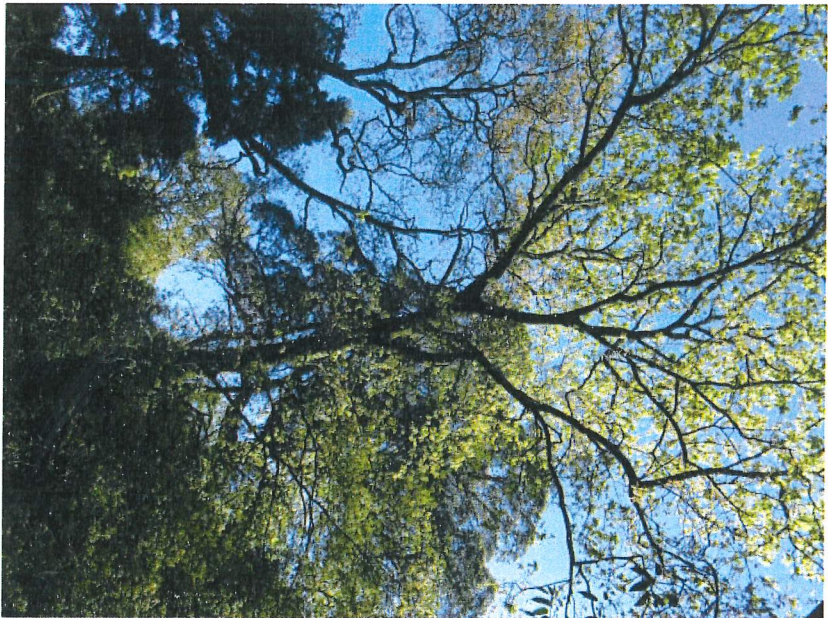
Autóctone

Origem

Europa e oeste da Ásia

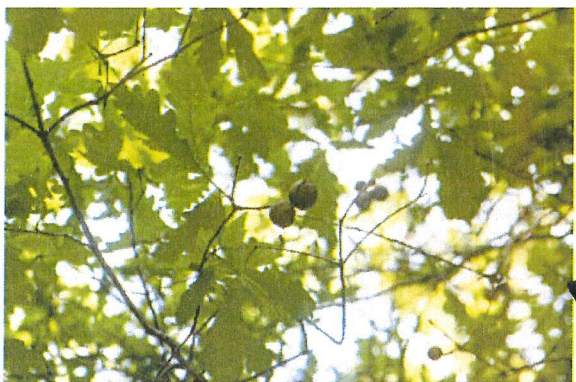
Descrição da espécie

O *Quercus robur* é uma árvore caducifolia de grande porte, de copa ampla e arredondada, que pode atingir 35 a 40 m de altura. Apresenta um tronco revestido por casca cinzento-acastanhada, lisa em árvores jovens, escamosa e longitudinalmente profundamente fissurada em árvores mais velhas. As folhas, de 10 a 12 cm de comprimento e 7 a 8 cm de largura, são simples, obovadas a oblongo-obovadas, de margem recortada por 5 a 7 pares de lóbulos, penatífendidas e, geralmente, com 2 aurículas na base. Dispõem-se de forma alterna nos ramos, são de cor verde-clara quando jovens, passando a verde-escura na página superior e mais glauca na inferior, e a acobreada no outono. Têm um pecíolo curto, de 2 a 10 mm de comprimento. A floração ocorre entre abril e maio, sendo a inflorescência masculina composta por grupos de amentilhos pendentes, cada um até 13 cm de comprimento, de cor amarelo-esverdeada, e a feminina composta por amentilhos eretos, com 2 a 3 pequenas flores, de cor rosada a avermelhada. O fruto é uma glande, ou bolota, de formato ovoide a cilíndrico, com 2 a 4 cm de comprimento, lustrosa e de cor castanha quando madura, encerrada numa cúpula com cerca de um terço do seu comprimento e 1,5 a 2 cm de diâmetro, com escamas ovado-triangulares, imbricadas. De maturação anual, ocorre em conjuntos de 2 a 3 frutos, sobre um longo e fino pedúnculo de 5 a 12 cm de comprimento.



Observações

O nome do género, *Quercus*, significa "carvalho" em latim, e o restritivo específico, *robur*, significa "madeira dura"; "força". Partilha grande parte da sua área de distribuição natural com o *Quercus petraea*, de aparência semelhante. Distingue-se deste particularmente bem através das folhas e das bolotas: folhas com pecíolo muito curto (2 a 10 mm) no *Q. robur* e um mais longo (10 a 30 mm) no *Q. petraea*; bolotas em pares ou tríos sobre um longo pedúnculo (5 a 12 cm) no *Q. robur* e em grupos de até 6, sésseis ou com um pedúnculo curto (até 15 mm) no *Q. petraea*. As estruturas de formato esférico, de 2 a 4 cm de diâmetro que, com frequência, aparecem nos ramos dos carvalhos — os bugalhos ou galhas —, são multiplicações celulares que se desenvolvem na planta em resposta à picada de um inseto, envolvendo o ovo aí depositado. A cor e o formato dos bugalhos variam de acordo com a espécie de árvore, de inseto e ainda da localização da picada.



Azereiro

Nome científico

Prunus lusitanica L.

Nome comum

Azereiro, Loureiro-de-portugal

Família

Rosaceae

Tipo de origem

Autóctone

Origem

Sudoeste de França, Península Ibérica, Marrocos e Macaronésia

Descrição da espécie

O *Prunus lusitanica* é um arbusto, ou pequena árvore, perenifólio, de copa densa e ramosa, que pode atingir 10 m de altura e excepcionalmente, em cultivo, 20 m. Apresenta um tronco revestido por casca cinzento-escura, lisa ou ligeiramente rugosa. As folhas, de 8 a 13 cm de comprimento e 2,5 a 7 cm de largura, são simples, lanceoladas, de margem crenada ou dentada, de cor verde-escura, lustrosas, dispostas de forma alterna nos ramos e com um pecíolo de cor vermelho-escura. A floração ocorre entre maio e junho, sendo a inflorescência um cacho pedunculado, quase ereto, de 15 a 28 cm de comprimento, onde se reúnem dezenas de pequenas flores brancas. Os frutos são pequenas drupas, de 0,8 a 1,3 cm de comprimento, de formato ovoide a subgloboso, inicialmente de cor verde, passando por alaranjada, vermelha, púrpura e, finalmente, preta na maturação.

Observações

A espécie *Prunus lusitanica* encontra-se dividida em três subespécies: a *lusitanica*, o azereiro acima referido, que ocorre no território continental português, a *azorica*, a ginjeira-brava-dos-açores, que ocorre nos Açores, e a *hixa*, ginjeira-brava, que ocorre nos arquipélagos da Madeira e das Canárias e em Marrocos. O *Prunus lusitanica* subsp. *lusitanica* é uma espécie relictiva do Terciário e da floresta Laurissilva, que sobrevive desde a última glaciação na Europa apenas em alguns vales encaixados do norte e centro de Portugal. Todas as subespécies são habitat natural.



de ocorrência pouco frequente no seu

Sobreiro

Nome científico

Quercus suber L.

Nome comum

Sobreiro, Sobro, Chaparro, Sovereiro

Família

Fagaceae

Tipo de origem

Autóctone

Origem

Oeste da região mediterrânica (Portugal, Espanha, França, Itália, Marrocos, Argélia e Tunísia)

Descrição da espécie

O *Quercus suber* é uma árvore perenifólia de médio a grande porte, de copa ampla e irregular, que pode atingir 23 m de altura. O tronco e os ramos desenvolvidos apresentam-se revestidos por casca suberosa (cortíca), cinzento-escura, grossa e gretada, por vezes com mais de 15 cm de profundidade. O seu

descortçamento revela a casca interna, lisa e de cor amarelo-avermelhada. As folhas, de 3 a 7 cm de comprimento, são simples, ovadas ou ovado-lanceoladas a oblongas, de margem inteira ou sinuada, geralmente denticulada, de cor verde-escura na página superior, acinzentada e densamente tomentosa na inferior, coriáceas, com pecíolo tomentoso, de 3 a 5 mm de comprimento e dispostas de forma alterna nos ramos. A floração ocorre entre abril e julho, sendo a inflorescência masculina composta por grupos de amentilhos pendentes, cada um até 8 cm de comprimento, de cor verde-amarelada, e a feminina solitária ou em grupos com 2 a 3 pequenas flores, protegidas por uma cúpula escamosa, de cor esverdeada. O fruto, de maturação anual, é uma glande, ou bolota, de formato oval alongado, com 2 a 4,5 cm de comprimento, lustrosa e de cor castanha quando madura, encerrada numa cúpula com cerca de metade do seu comprimento e 1,2 a 2,5 cm de diâmetro, com escamas inferiores de formato ovado-triangular, curtas e imbricadas, e as médias e superiores prolongadas e com a ponta arqueada.

Observações

O *Quercus suber* é uma espécie de grande longevidade, podendo atingir 500 anos de idade. O descortçamento, porém, reduz-lhe a esperança de vida para 150 a 200 anos. É uma espécie de grande importância para a economia nacional, sendo Portugal o maior produtor de cortiça a nível mundial. A bolota é tradicionalmente utilizada na alimentação do gado, especialmente na do porco. É a árvore nacional de Portugal desde 2011.



Medronheiro

Nome científico

Arbutus unedo L.

Nome comum

Medronheiro, Ervedeiro, Êvedo

Família

Ericaceae

Tipo de origem

Autóctone

Origem

Irlanda, sul da Europa, norte de África, Palestina e Macaronésia

Descrição da espécie

O *Arbutus unedo* é um arbusto, ou pequena árvore, perenifólio, de copa arredondada, densa e muito ramosa, que pode atingir 12 m de altura. Apresenta um tronco sinuoso, revestido por casca vermelho-escura ou cinzento-acastanhada, muito escamosa e desprendendo-se em pequenas tiras, ou placas, nos exemplares mais velhos. As folhas, de 4 a 11 cm de comprimento e 1,5 a 4 cm de largura, são simples, ligeiramente coriáceas, obovado a lanceoladas, de margem serrada, de cor verde-escura na página superior, mais claras na inferior, e com a nervura central saliente. Dispõem-se de forma alterna nos ramos sobre um pecíolo curto, até 1 cm de comprimento, geralmente de cor vermelha. A floração ocorre entre outubro e fevereiro, sendo a inflorescência uma panícula pendente e terminal, composta por 10 a 30 pequenas flores, de corola até 0,9 cm de comprimento por 0,7 cm de largura, em forma de urna ou campainha, de cor branca, por vezes matizada de verde ou rosa. O fruto é uma baga de formato globoso, até 2 cm de diâmetro, com a superfície coberta por pequenas verrugas ou picos, inicialmente de cor verde, tornando-se amarela, cor de laranja e, por fim, vermelho-vivo a escarlate na maturação, cada uma com 20 a 25 sementes.

Observações

O restritivo específico da espécie, *unedo*, deriva do latim *edo*, que significa “comer”, e *unus*, que significa “um só”, ou seja, “comer apenas um”, o que pode ser entendido como uma alusão ao facto de os seus frutos — os medronhos —, comestíveis e de sabor muito agradável entre o ácido e o adocicado, conterem uma quantidade elevada de álcool quando maduros, podendo por isso a sua ingestão excessiva causar alguma embriaguez e dores de cabeça. Não estranha, assim, que sejam utilizados na produção da célebre aguardente de medronho algarvia. O medronheiro, pela sua folhagem e, principalmente, pelos seus frutos vermelhos muito vistosos e floração delicada — muito apreciada pelas abelhas —, que ocorrem em simultâneo no outono, é também utilizado como uma planta ornamental em parques e jardins.



Freixo

Nome científico

Fraxinus angustifolia Vahl

Nome comum

Freixo, Freixo-comum, Freixo-de-folhas-estreitas

Família

Oleacea

Tipo de origem

Autóctone

Origem

Sul, este e centro da Europa, noroeste de África e Próximo Oriente

Descrição da espécie

O *Fraxinus angustifolia* é uma árvore caducifolia de porte médio, que pode atingir 25 m de altura, de copa aberta, irregular, muito ramificada e com os ramos ligeiramente pendentes. Apresenta um tronco revestido por casca cinzento-clara, lisa em exemplares jovens, adquirindo um padrão densamente fendido e reticulado em árvores mais velhas. As folhas, de 15 a 25 cm de comprimento, são compostas, cada uma com 5 a



13 folíolos, oblongo-lanceolados a linear-lanceolados, acuminados, de cor verde-escura na página superior, mais claros e com o veio central densamente pubescente na inferior, de margem serrilhada, com cada dente, geralmente, correspondendo a uma nervura secundária. Dispõem-se de forma oposta nos ramos e, no outono, adquirem tonalidades entre o amarelo e o dourado. A floração ocorre entre março e maio, sendo a inflorescência uma panícula que surge antes das folhas, composta por flores hermafroditas, sem pétalas nem sépalas, de cor verde ou púrpura. Os frutos são sâmaras, agrupadas em cachos pendentes, aladas, cada uma com 2,5 a 5 cm de comprimento e 0,7 a 1 cm de largura, de cor amarela quando maduras e com um espinho na ponta.

ALGUMAS IMAGENS PARA DESPERTAR A CURIOSIDADE... DO MUITO PARA EXPLORAR...

